

'Tratar da sucessão agora não é bom'

ACM diz que o fato de o PFL preferir seu nome agora não significa que ele será o candidato em 2002

Ailton de Freitas/26-02-99

ENTREVISTA

Antônio Carlos Magalhães

• Aclamado na convenção do PFL, sexta-feira, como se já fosse o candidato à Presidência da República, o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) disse ontem que é cedo para se discutir sucessão. Para ele, antecipar o debate sobre a disputa de 2002 não é bom nem para o PFL e nem para o Governo. O senador baiano disse que concorda com a argumentação do presidente Fernando Henrique, de que é prematura essa discussão. E afirmou que a preferência por seu nome não tem maior significado, porque é preciso esperar o resultado das eleições de 2000.

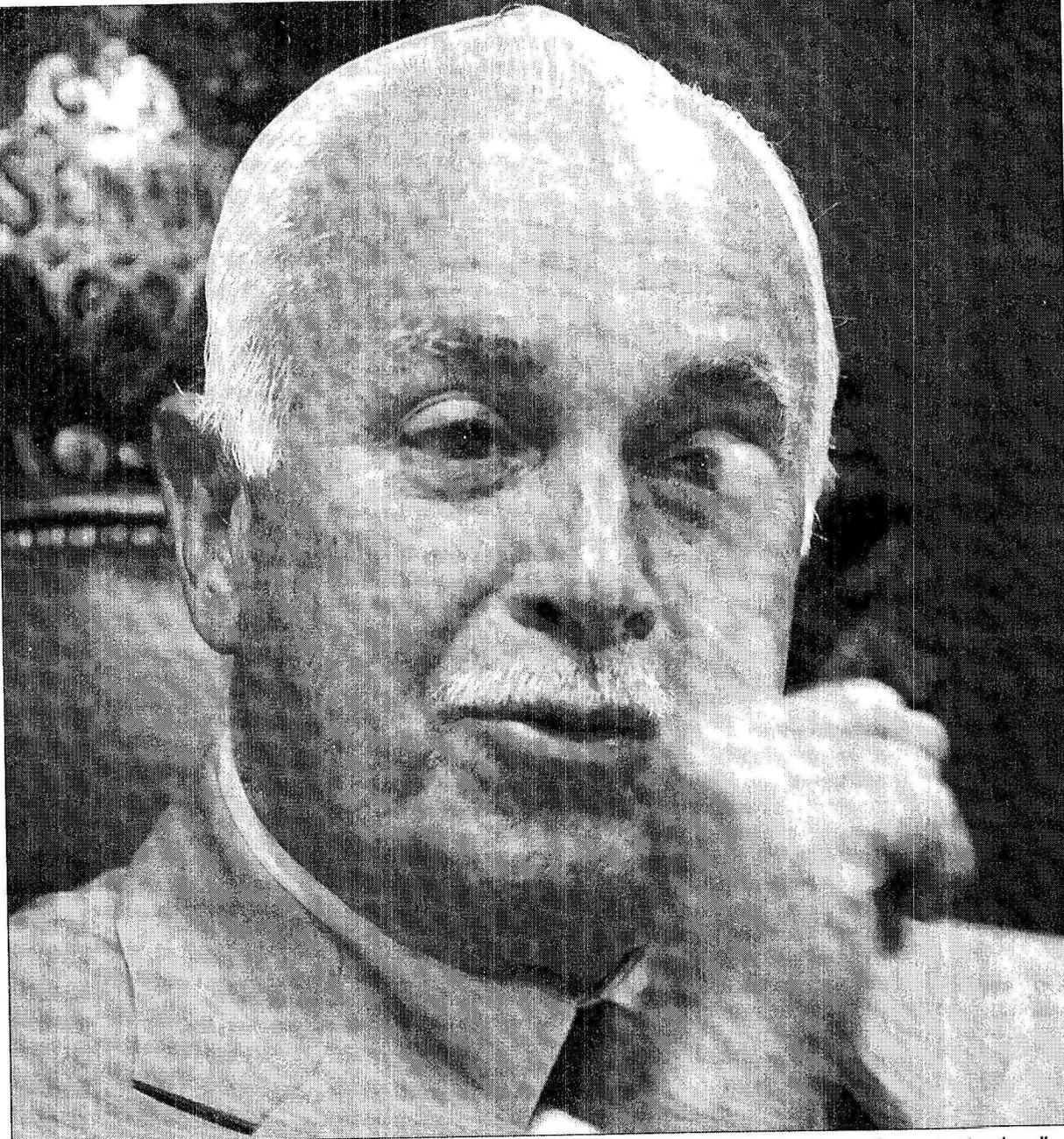
Cristiane Jungblut

O GLOBO: O senhor acredita que este é o momento para se discutir a sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso?

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES: O PFL expressou a vontade de ter um candidato próprio à Presidência da República e nada é mais justo do que essa pretensão. Entretanto, a escolha do nome, no momento, não tem maior significado, porque essa decisão só será tomada em 2001, inclusive porque temos que esperar o resultado das eleições do ano 2000. Acho que realmente tratar da sucessão com intensidade agora não é bom para o Governo e nem para o partido. E muito menos para o candidato.

• O que o senhor achou das manifestações do presidente Fernando Henrique e do governador de São Paulo, Mário Covas (PSDB), afirmando ser prematuro o debate sobre a eleição de 2002?

ANTÔNIO CARLOS: O governador Mário Covas e o presidente Fernando Henrique acham que é cedo para tratar do assunto e dou



O SENADOR ANTÔNIO Carlos: "O PFL manterá a aliança porque tem deveres com o presidente Fernando Henrique"

razão a eles. Agora, oportunidade de haver convenção do PFL não é comum. Daí é que se produziu essa decisão de haver candidato.

• Como o senhor recebeu a decisão quase unânime do PFL de considerá-lo o nome mais forte dentro do partido para concorrer à sucessão do presidente Fernan-

do Henrique Cardoso?

ANTÔNIO CARLOS: Fico muito lisonjeado com a aprovação quase unânime do meu partido. Mas é o momento de hoje. Ninguém sabe o que vai acontecer até lá. Não há uma solução adotada. Há um desejo manifestado.

• A escolha do seu nome signifi-

ca que o partido já vai começar a fazer campanha?

ANTÔNIO CARLOS: Não. O partido avaliou que, neste momento, o nome mais viável será o meu. Mas isso não significa abertura de campanha e muito menos fixação do meu nome. É que o meu nome está em evidência.

• Na convenção, o PFL disse que continuará apoiando o presidente, mas com independência. O que significa isso?

ANTÔNIO CARLOS: O PFL é favorável às alianças, guardando a independência do partido. E o PFL vai manter a aliança porque tem deveres com o presidente Fernando Henrique, como o presidente tem deveres com o PFL. Lançamos o nome de Fernando Henrique em 1994 e, na reeleição, tomamos posição clara e definida. Somos co-responsáveis pelo Governo.

• Ao decidir que terá candidato próprio, o PFL também está dando um sinal de que não fará alianças para vencer a eleição?

ANTÔNIO CARLOS: Não impede que o partido faça alianças. Isso depende da conjuntura e do desejo dos outros partidos, que podem ter os mesmos interesses do PFL. Ninguém pode dizer nada agora.

• E uma aliança ou até uma fusão com o PPB, como já se falou?

ANTÔNIO CARLOS: Não está sendo discutido isso no momento. Até porque o ex-prefeito Paulo Maluf disse na imprensa, nesse final de semana, que o PPB poderá ter candidato em 2002.

• E qual a sua opinião sobre a declaração do sociólogo francês e amigo de Fernando Henrique Alain Touraine de que o presidente deve se aproximar dos partidos de centro-esquerda e até fazer uma aliança com eles?

ANTÔNIO CARLOS: É a opinião de um cientista político que é muito competente, mas que está fora da realidade brasileira.

• O senhor conversou com o presidente depois da convenção?

ANTÔNIO CARLOS: Sim, falamos por telefone. Ele estava muito bem e comentamos os discursos feitos na convenção. ■